
FILOSOFIA COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO MORAL

CHICOTE, Irlandina de Paula Macedo¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo observar e identificar como a ética e a educação moral estão sendo construídas no cotidiano escolar, especialmente pelo ensino de filosofia. Tem como objeto de análise uma 4ª série, de uma escola particular na cidade de Ituverava. O trabalho de filosofia em sala de aula com crianças de 9 a 10 anos trouxe resultados significativos ao ensinar e exercitar o diálogo investigativo. Essa prática da cidadania se desenvolve por meio da compreensão e cooperação, através de um trabalho contextualizado.

Palavras – chave: Diálogo. Cidadania. Cooperação. Filosofia. Autonomia.

SUMMARY: This present article aims to observe and to identify how. Ethics and Civic Education are being built in the daily teaching process, specially by the teaching of Philosophy. The goal of this article is to analyse a 4th grade class of a private high school from Ituverava. The teaching of Philosophy in a classroom with children aged from 9 to 10 years old has brought significant results when teaching and exercising the investigative dialogue. This citizenship practice is developed by comprehension and cooperation throughout a contextualized work.

Keywords: Dialogue. Citizenship. Cooperation. Philosophy. Autonomy.

INTRODUÇÃO

Ao investigar as possíveis causas da disciplina dos alunos, em vários momentos da sala de aula, em várias escolas, pode-se concluir que na escola pesquisada, não havia problemas disciplinares. Analisando o currículo, meu olhar voltou-se para aulas de filosofia, pois a professora desenvolve um trabalho voltado para a construção de valores e tem como proposta: “Educar é ensinar a pensar”, baseada na obra de Lipman.

A pesquisa refere-se ao estudo da prática pedagógica da professora de filosofia em relação ao desenvolvimento dos alunos quanto à formação de valores, atitudes e disciplinas na sala de aula.

Nas aulas, os alunos são dispostos em círculo e os temas são tratados num clima de espontaneidade, liberdade de idéias e de sugestões das crianças. O papel da professora é de provocar o diálogo investigativo e interrogativo.

A criança aprende a organizar seus argumentos e a escutar e compreender os das outras crianças. Segundo Puig (1988), o diálogo é considerado um dos elementos mais significativos da educação moral e cívica. O diálogo deve ser um procedimento a ser aprendido pelos alunos.

¹ Mestre em Educação. Professora da FE/FFCL.

Ao fazer os alunos pensarem, o professor está favorecendo a autonomia intelectual do aluno, preparando-o para atuar de forma crítica e criativa.

A observação de aulas de filosofia tem me demonstrado claramente que o diálogo entre as crianças sustentarem um plano de discussão diversificado. As crianças fazem comparações, desenvolvem habilidades precisas e literais com relação ao texto trabalhado.

Em uma das aulas em que era discutido um “Comportamento Provocativo”, foi lido pelas alunas o seguinte texto:

A briga na mesa do lanche começa com a Pimpa encarando a Marina que reage com um chute. A Pimpa diz que não estava fazendo nada e que foi a Marina que começou a briga. É claro que a Pimpa encarou a Marina com a intenção de provocar uma reação da irmã assim fazer com que a mãe ralhasse com ela. Uma pessoa que é encarada se sente desconcertada e vítima de uma agressão.

O exercício proposto era o “Olhar”. Foram apresentadas nove questões, que provocaram discussões sobre o “Olhar das pessoas”. Cada criança lia uma frase, por exemplo:

“Você está andando na praia numa noite de lua cheia e a luz que se espalha na água é linda.
Você fica, um tempão, olhando a lua”.
“Você vai a uma exposição de quadros e fica, um tempão olhando um dos quadros que retrata uma bela mulher”.

A conversa entre os alunos foi tomando sentidos diversos. Elas expuseram “O olhar” como algo que incomoda muitas pessoas, assim como disse “M”:

“Se você ficar olhando muito para uma pessoa, você tem que se colocar no lugar dela. Se alguém pára e fica te olhando, o que você sentiria?” (Sic)

A “L” responde: “Depende de quem te olha”.

A professora questiona:

“Se a pessoa for conhecida, você não se importa ?”

E assim as crianças iam discutindo e colocando suas idéias a respeito do “Olhar”, quando “J” diz: “Tia, eu concordo com “M”; eu, mesmo sendo uma pessoa normal, não gostaria de ser olhada”.

“As pessoas com deficiências físicas não devem ser “olhadas”, porque elas se sentem diferentes e até discriminadas”. O olhar fixo provoca tristeza nas pessoas”. “Vamos respeitar o outro”.

Os alunos relacionaram a aula à novela “O Clone”, referindo-se ao tema da clonagem; ao programa “Castelo Rá – tim – bum,” sobre o preconceito; à aula da professora de história, que também tinha abordado a questão do preconceito.

Os alunos faziam inter-relações com programas de televisão, assuntos do cotidiano e às conclusões a que eles chegaram com a discussão foi que: um aluno disse que “nunca deviam julgar uma pessoa pela aparência”. Outra assim se expressou: “se alguém olhar para você, não precisa ficar incomodada”. Ou ainda, devemos: “Colocar-se no lugar do outro”. (Sic)

Através do diálogo, as crianças apresentaram uma variedade de opiniões e atitudes, de como perceber o “olhar” de uma pessoa sobre si mesmo e perceber o seu “olhar” sobre os outros.

Vasconcelos (1993) diz que a prática do diálogo é fundamental para a superação dos problemas de disciplina.

A professora de filosofia, durante suas aulas estipula regras, como: “fala um de cada vez”, “espera o colega falar”, permitindo a comunicação mais aberta, vinculando o valor de respeito pelo outro.

O que se percebe é que todos participam na comunicação, a preocupação dos não voluntários. Algumas vezes, a euforia das crianças para falarem extrapola, mas a professora lembra o que foi combinado pelos alunos.

É percebido que, durante as aulas, a professora cria situações de verdadeira participação dos alunos que o mantêm alerta e intelectualmente ativos.

É através da comunicação que se estabelecem a relação pedagógica e o vínculo afetivo da comunicação.

Em vários momentos da aula, observam-se atos como elogiar, encorajar, admoestar, criticar, sempre acompanhados de afetividade, para além da informação objetiva que veiculam.

Quando as regras são organizadas de forma justa, respeitosa e solidária, há grandes chances de serem seguidas.

O próprio aluno se auto-avalia no decorrer as aulas.

1. Participo da aula, dando opiniões?
2. Participo da aula com perguntas?
3. Tenho paciência para ouvir o outro?
4. Sou responsável na realização das atividades de classe e tarefas de casa?
5. Sei ouvir meus colegas com atenção?
6. Respeito meus colegas e a professora?
7. Espero minha vez para falar?
8. Evito sair da sala de aula durante as aulas?
9. Mantenho uma discussão coerente ao assunto que está sendo investigando?

10. Evito comentar a vida do outro?

A construção do auto-respeito refere-se ao papel do juízo alheio na imagem que um tem de si. Pode-se afirmar que a imagem e o respeito que uma pessoa tem de si mesma estão referenciadas em parte nos juízos que os outros fazem dela. Há sempre uma dimensão moral nesses juízos, portanto é difícil uma pessoa não ouvir a crítica alheia. (PCNs: p. 69).

Esta é a preocupação da professora R, nas aulas de filosofia: as crianças estão sempre se policiando nas atitudes erradas, como desprezar o que o colega fala, não ouvir o que o colega diz. Sempre há o que aproveitar da fala do aluno. Nenhum aluno discrimina o colega. Se um aluno apresenta uma atitude indesejada, todos procuram respeitar sua atitude, sem magoar o colega. Parece-me que todos se respeitam, dando condições para a formação do auto-respeito.

A presença da racionalidade na formação moral significa ter a capacidade de dialogar, e é através do diálogo que as crianças resolvem conflitos, discutem valores, por meio da palavra e da comunicação. Significa trocar argumentos, negociar. Para o diálogo se tornar propício, para que possa gerar resultados, a racionalidade é uma das condições necessárias.

O que pude observar nas aulas de filosofia da professora R foi justamente esta preocupação em deixar claro, para as crianças, a necessidade de expressarem com clareza as suas próprias convicções e serem capazes de entender os pontos de vista dos outros.

O conhecimento e a sabedoria podem ser complementares, quando o professor se torna mestre.

Mestre faz mais do que colocar os estudantes em contato com o conhecimento acumulado. Mestre é aquele que se mostra capaz de conduzir a adesão da juventude para o campo das virtudes e para o campo do saber; com razão e com o coração. Boto (2001).

A intervenção da professora é fundamental e deve servir como estímulo à reflexão, considerando os diferentes pontos de vista sobre as questões, o problema. O trabalho da ética tem como objetivo o reconhecimento de que as atitudes das pessoas precisam ser pautadas por princípios de respeito, justiça, solidariedade e diálogo, que devem estar presentes na ação cotidiana.

O professor deve tratar o aluno como ser humano, ou seja, acreditar na sua racionalidade: fazer o aluno refletir sobre o que está acontecendo.

Quando os alunos opinam nas questões cognitivas, é aguçando o espírito crítico, estimula as opiniões, contribui para relativizar posições.

Ao analisarmos Temas Transversais, fica claro que o objetivo da escola deve pautar-se no reconhecimento de que as atitudes das pessoas precisam ser solitárias aos princípios de

respeito, justiça, solidariedade, diálogo, e que esses princípios devem estar presentes na ação cotidiana da escola.

Esta é a preocupação da professora nas aulas de filosofia: as crianças estão sempre se policiando nas atitudes erradas, como desprezar o que o colega fala, não ouvir o que o colega diz. Sempre há o que aproveitar da fala do aluno. Nenhum aluno discrimina o colega. Se um aluno apresenta uma atitude indesejada, todos contribuem, sem magoar o colega, a respeitar sua atitude. Parece-me que todos se respeitam, dando condições de auto-respeito.

Puig (1998) pressupõe a moral e a responsabilidade que, por sua vez, pressupõe a liberdade e o juízo, portanto pensar, apropriar-se dos valores morais com o máximo de racionalidade, é condição necessária tanto para a legitimação das regras, como para a construção de novas regras.

A presença da racionalidade na formação moral significa ter a capacidade de dialogar, e é através do diálogo que as crianças resolvem conflitos pro meio da palavra, da comunicação. Significa trocar argumentos, negociar. Para o diálogo se tornar propício, para que possa gerar resultados, a racionalidade é uma das condições necessárias. Pestalozzi (1996).

O que pude observar nas aulas de filosofia da professora R foi justamente esta preocupação em deixar claro, para as crianças, a necessidade de expressar com clareza as suas próprias convicções e serem capazes de entenderem os pontos de vista dos outros.

A professora R não se coloca no centro do diálogo e sim, como interventora da discussão.

Segundo Estrela (1992),

a atribuição de responsabilidades e a participação no governo da escola ao lado de uma pedagogia ativa baseada nos interesses e respeitando as leis naturais do desenvolvimento infantil, tornam-se assim os meios privilegiados para a conquista de autodisciplina, constituindo simultaneamente primeira fonte de educação moral e cívica.

Concordando com a autora entendo que as atividades da Escola devem ser trabalhadas de forma participativa de modo a despertar o interesse da criança. Compreendo ainda que é através do diálogo construtivo, que se dá essa participação, e que a criança adquire autoconfiança na expressão da fala e dos sentimentos.

O desenvolvimento da autonomia deve ser um objetivo de todas as áreas ou disciplinas.

Yves de La Taile (2001) diz que “dar liberdade sem dar responsabilidade é, na verdade não dar liberdade. O exercício da responsabilidade só se faz com o exercício da autonomia e autodisciplina”.

Também menciona Estrela (1992) “a autonomia conduz a autodisciplina, mas é um percurso lento que cada um deve percorrer no seu ritmo próprio”.

A problematização dos valores e das formas de conduta é apontada nos PCNs e visa como meta a ser alcançada pela ética na escola:

a ética é um eterno pensar, refletir, construir para que os alunos possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensar e julgar, para problematizar constantemente o viver pessoal e coletivo, fazendo exercício da cidadania”. (BRASIL 1998).

Durante uma campanha na Escola sobre “O que é violência”, foi lido um texto e os alunos discutiam sobre as idéias do texto como: violência doméstica, sexual, psicológica. Desse assunto, a professora R, como facilitadora do conhecimento, foi buscando outros conceitos como a paz, solidariedade, amor, convívio, respeito e responsabilidade.

O envolvimento dos alunos pelo tema “O que é violência” e o interesse pela discussão eram constantes, pois a professora problematizou a situação vivenciada. Quando a professora questiona sobre dados da violência doméstica, violência física, ela também procura levar os alunos a pensarem sobre o conhecimento, estabelecendo relação entre o novo e o anteriormente construído, para torná-lo significativo, pois só pensamos em cima daquilo que conhecemos e, só assim o aluno poderá levantar hipóteses sobre aquilo que ainda não conhece, mas que está motivado a aprender. Lembramos sempre que a pessoa humana se sente motivada, quando se depara com uma situação desafiadora, problematizadora.

Durante a discussão sobre a violência, que era o tema proposto pela professora, pude perceber que o objetivo não era apenas apresentar ou colocar problemas, como também adquirir meios para resolve-los.

Os alunos elaboravam e desenvolviam estratégias pessoais de resolução de problemas nos diversos campos do conhecimento, mediante utilização do raciocínio, nas diversas situações da vida cotidiana.

Percebe-se que o aluno interagindo com o objetivo do conhecimento não se sente alheio e, conseqüentemente, está mais interessado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de pesquisa foi demonstrar, através do ensino da filosofia, como a ética e a educação moral estão sendo construídas no cotidiano escolar.

A tarefa do professor consiste em estabelecer uma relação dialógica entre o saber e a formação de conceitos como solidariedade, compreensão e respeito que são refletidos e construídos através do diálogo investigativo.

A escola deve abrir espaço para cultivar a ética, os alunos incorporam valores não em aulas de Educação Moral, mas em uma escola que pratica justiça, tolerância, cooperação e solidariedade

Toda disciplina deve abrir espaço para discutir situações em que se requer um julgamento, pois a cidadania deve ser currículo de todas as disciplinas.

O professor desempenha um papel fundamental no campo educacional, pois através do seu comprometimento, que vai equacionar sua prática pedagógica voltada para a formação integral do cidadão, tendo como preocupação a formação do sujeito ético.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ESTRELA, T. M. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** Porto-Portugal: Porto, 1992.

KOHAN, W. **O Filosofia para crianças:** a tentativa pioneira de Matthew Lipman. Petrópolis: Vozes, 1998.

LATAILLE, Y. de. **Limite:** três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2001.

PESTALOZZI. **Educação e ética.** Pensamento e ação no Magistério. São Paulo: Scipione, 1997.

PUIG, J. M. **Ética e valores:** métodos para o ensino transversal. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1998 (Coleção: Psicologia e Educação).

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libert, 1995.